

Cartografia têxtil: uso do design enquanto crítica do discurso perpetuador da fome no Brasil

Cleyton Santos Ferreira

Universidade de Brasília (UnB)

<http://lattes.cnpq.br/1356152112235825>

cleyton.ferreira@aluno.unb.br

Nathalia Feitosa Barbosa

Universidade de Brasília (UnB)

<http://lattes.cnpq.br/3094561651690519>

barbosa.nathalia@aluno.unb.br

Resumo:

O presente trabalho pretende suscitar a discussão acerca da relação da concepção da identidade nacional brasileira através de políticas —ou da falta delas— que agravam o problema da fome no país, problema presente na vasta historiografia nacional e que levanta o questionamento: Por que há pessoas morrendo de inanição quando esse território possui abundância em recursos primários, solos férteis e alimentos naturais? O artigo se estrutura a partir do projeto realizado para a exposição 'Cartografias Têxteis' que a partir do aparato simbólico nacional popularmente difundido objetivou subverter seus significados a partir de signos presentes nas discussões sobre o tema na mídia e em outros veículos de comunicação por meio do design.

Palavras-chave:

Identidade nacional brasileira; Fome; Design; Cartografias têxteis;

Eixo temático:

Design e identidade

Textile cartography: use of design as a critique of the perpetuating discourse of hunger in Brazil

Abstract:

This work aims to raise a discussion about the relationship between the conception of Brazilian national identity through policies —or lack thereof— that exacerbate the problem of hunger in the country, a problem present in the vast national historiography, that raises the question: Why are people dying of starvation when this territory has abundance in primary resources, fertile soils, and natural foods? The article is structured based on the project carried out for the exhibition 'Textile Cartographies' that, through the popularly diffused national symbolic apparatus, aimed to subvert its meanings based on signs present in discussions about the theme in the media and other communication channels through design.

Keywords:

Brazilian national identity; Hunger; Design; Textile cartographies;

1 Introdução

O Brasil carrega em sua história uma complexa relação com a fome. Esse problema pode ser observado desde os primeiros registros historiográficos deste projeto de estado-nação, que construiu a base das suas construções sociais em uma delicada relação com sua população. Os problemas sociais acarretados desse encadeamento são essenciais para compreendermos a extensão do problema da falta de comida para populações mais pobres. As ramificações desse problema podem ganhar camadas ainda mais complexas quando consideramos a extensão territorial e abundância de recursos primários, solos férteis e alimentos naturais.

A elite hegemônica, que detém não apenas fartura alimentar, como também o poder de produção, distribuição e veto, faz questão de manter seus privilégios e estabelecer o direito a se alimentar como uma ferramenta de poder. Esse controle político sempre foi uma das principais ferramentas de violência contra populações étnicas e da construção do projeto de identidade nacional que podem ser percebidos em alguns dos principais símbolos nacionais, inseridos no cotidiano dessas populações fragilizadas e antagonizando representações de resistência a esse problema.

Em meados de 2014 surgia uma chama de esperança com a saída do País do Mapa da Fome das Organizações das Nações Unidas (ONU). Entretanto, o problema, anteriormente atenuado, voltou a ser um destaque pungente graças ao planejamento político e criação de políticas sociais que ignoraram levantamentos importantes estabelecidos em uma crescente em governos anteriores iniciados desde a década 90. O problema adquiriu novas camadas com o início da crise sanitária gerada pela pandemia de Covid-19 e por decisões controversas do governo Bolsonaro. Assim vimos o Brasil voltando para esse cenário catastrófico, com agravamento dos problemas de insegurança alimentar, consequência também da crise empregatícia, alta de preços de alimentos e desligamento de ONGs e organizações sociais. A crise teve seu ápice ilustrado por uma fotografia que se destacou em 2021 (Figura 1), onde sem ter para onde recorrer, pessoas formavam filas para se alimentar de restos e sobras. Nos deparamos então com a forte imagem tirada no Rio de Janeiro de um empilhado de ossos que iriam servir de alimento.



Figura 1: Tópicos norteadores do projeto

Fonte: Reprodução Jornal O Dia (2022)

A política de privilégio do recurso ao capital estrangeiro é, sem dúvida, uma das fontes desse drama da fome, visto que o problema não consiste na escassez de alimentos. Segundo dados da BBC News (2021) o Brasil é o segundo da lista de países que mais exportam alimentos. Segundo a Organização Mundial do Comércio (OMC), o país atende 800 milhões de pessoas em todo o mundo, e pesquisas apontam a existência, já em andamento, de um projeto para que essa produção aumente, com previsão para os próximos cinco anos. Contudo, o país tem por volta de 75,2% de famílias na zona rural em

situação de insegurança alimentar, o que enquadra não só à falta de alimentos, mas também a uma dieta menos nutritiva que, em geral é insuficiente, porém mais barata. Fica nítido que o problema dialoga diretamente com um sistema que prioriza a lucratividade e age com descaso para com a população, que tem cor, gênero e classe social, dificultando o acesso a esses alimentos num conflito que está presente desde o início da história do Brasil.

De acordo com Castro (1980), o fenômeno da fome é constituinte da nossa formação histórica. Segundo o sociólogo, mesmo em territórios onde há abundância e unicidade¹ de comida ainda há desigualdade na distribuição de alimentos, que reflete em comunidade inteiras, cujo as identidades são, em alguns casos, relacionadas a essa produção alimentar. A privação alimentar a classes sociais mais baixas e povos desfavorecidos é um fenômeno que segundo Castro (1980) sempre foi utilizado no país como uma das diversas ferramentas coloniais de controle, tendo efeitos observáveis desde os primeiros contatos entre os colonizadores e os povos nativos. Os efeitos dessa imposição colonial têm caráter de desumanização de indivíduos, principalmente com grupos fora do espectro eurocentrado, servindo como uma ferramenta de domínio.

A fome, no Brasil, é consequência, antes de tudo, do seu passado histórico, com os seus grupos humanos sempre em luta e quase nunca em harmonia com os quadros naturais. Luta, em certos casos, provocada e por culpa portanto da agressividade do meio, que iniciou abertamente as hostilidades, mas quase sempre por inabilidade do elemento colonizador, indiferente a tudo que não significasse vantagem direta e imediata para os seus planos de aventura mercantil. Aventura desdobrada em ciclos sucessivos de economia destrutiva, ou pelo menos desequilibrante da saúde econômica da nação: a do pau-brasil, a da cana-de-açúcar, a da caça ao índio, a da mineração, a da lavoura nômade, a do café, a da extração da borracha, e finalmente a da industrialização artificial [...] Em última análise, esta situação de desajustamento econômico e social foi consequência da inaptidão do estado político para servir de poder equilibrante entre os interesses privados e o interesse coletivo. (CASTRO, 1980, pág. 293.)

A construção hierárquica do direito a comer é traduzida através de signos presentes no dia a dia do brasileiro. Diversas representações apresentam essa contradição, desde imagens, produções audiovisuais e música podem ser percebidos a partir de um olhar mais atento, que muitas vezes passa despercebido cotidiano. Um exemplo disso é a recém rediscutida bandeira imperial, que ganhou destaque nos últimos anos por meio de debates políticos principalmente nas mídias sociais. Esse símbolo nacional traz em si a tradução visual do interesse do estado em produzir alimentos e protegê-los de sua população. O contraste entre o mal da fome e o acúmulo de capital proveniente da produção de alimentos é uma contradição que torna a desigualdade social no Brasil um tema necessário nas discussões atuais. Essa discussão é ainda potencializada pelo agravamento desse problema durante a pandemia de Covid-19, que durou de 2019 a 2023, e a antagonização de grupos que reivindicam pautas como: acesso a comida, distribuição fundiária, produção de alimentos com menos agrotóxicos e uma produção mais sustentável de bens agrícolas no Brasil.

Paradoxalmente, é fato que na colonização foram os povos nativos, que em um momento de necessidade, acudiram os portugueses que aqui chegaram. Os então “inimigos declarados” do projeto de nação brasileiro foram desde a sua aurora os maiores sanadores das necessidades primárias do país e desde esse momento muito pouco foi feito para que a carência alimentar do nosso povo fosse atendida, talvez, atuando como uma espécie de manutenção de decisões que sempre beneficiaram os interesses das classes dominantes, como elucida o autor na citação abaixo.

Partindo desse contexto, este artigo reúne o processo de aglutinação desses fatos históricos e de ideias que surgiram a partir desse levantamento, servindo como embasamento para discussões acerca de problemas vigentes, sobretudo da fome e da mitigação de movimentos sociais que objetivam combatê-la. Os dados presentes nessa pesquisa foram traduzidos de forma cartográfica através da proposta de cartografia têxtil desenvolvida por Ângela Saldanha ao decorrer da disciplina: Tópicos Avançados em Design, no Programa de Pós-graduação em Design da Universidade de Brasília (UnB). A disciplina usou o método cartográfico para coletar dados relevantes a partir do debate público e traduzi-los em peças artísticas e de design, utilizando principalmente materiais têxteis, como tecidos, papeis e

¹ Relacionados principalmente a cultura, como pratos típicos ou de alimentos oriundo apenas de uma região específica.

bordados, para criar representações visuais. A abordagem também destacou o papel da cartografia como um meio de captar percepções simbólicas e significações que influenciam positivamente as produções em grupos identitários. Os trabalhos desenvolvidos na disciplina, incluindo o resultado proveniente desse estudo, foram exibidos na exposição Cartografias Têxteis no prédio da Associação dos Docentes da UnB (ADUnB).

2 O Problema da Fome e a Relação com a Identidade

O projeto econômico do Brasil fundou-se na exploração da mão de obra de pessoas escravizadas. Africanos e indígenas, as principais vítimas do processo colonizador no Brasil, se tornaram, literalmente e de maneira subjetiva, os povos que construíram a nação. Esse projeto construiu um país marcado por diversos e intensos processos migratórios, o que implica consequentemente numa estrutura cultural e identitária concebida com heranças diversas, onde vale ressaltar a compreensão da alimentação como um importante aspecto cultural. Belasco (2009) aponta que a sistematização de uma hegemonia política e cultural vem factualmente acoplada a uma hegemonia alimentar, que busca tornar clara a diferenciação dos atores sociais do eixo colonizador, menosprezando o restante.

Os primeiros registros documentais do passado deste território já enfatizam a diversidade de frutos e a variedade das distintas relações dos nativos com seus alimentos aqui existentes. Na carta de Pero Vaz de Caminha, é evidente como os indígenas têm uma relação diferente com a comida, dispensando as ofertas de alimentos trazidos por esses colonizadores, registrando-os, nesses mesmos documentos, como seres inferiores. A exploração de terras brasileiras desde então sempre ignorou a diversidade desse solo, tendo em sua totalidade a obliteração da diversidade da fauna e da flora locais e de seus habitantes. Essa exploração é marcada por violentos projetos de escravização, mineração e a monocultura de plantas não nativas.

Essa brutal violência é parte da totalidade histórica da construção identitária do Brasil. O regime colonial, seguido do regime imperial do Brasil, se estruturou a partir de sangue e suor de indígenas e africanos avassalados. Embora, mesmo que por uma parcela do tempo, os indígenas tenham sido poupados da violência da escravização para terem sua identidade cultural violentada por missionários, esses, juntamente com os brasileiros africanizados, foram dois povos sumariamente ignorados em todo o projeto de construção de uma nação brasileira. Para Abdias do Nascimento (2016),

a concepção de um projeto nação brasileiro sempre fez questão de excluir ambos e parte desse projeto, consiste no embranquecimento através da miscigenação forçada e da concessão de terras para europeus. A população negra, liberta durante o império sobre pressão de países abolicionistas, foi privada de terras e direitos básicos, sofreram com o genocídio através da história, e uma das ferramentas foi a privação de alimentos. (NASCIMENTO, Abdias, 2016).

A exploração do solo brasileiro durante séculos - primeiro durante o período colonial e em boa parte do período regido pela família imperial - se sustentou principalmente por esses três pilares: café, tabaco e tráfico de escravos. Rogero (2022) descreve a relação da família imperial brasileira e a construção de uma identidade nacional que exclui os povos explorados para manter o pleno funcionamento, não só da cadeia de produção e exportação, mas da sociedade como um todo. Registros documentais² demonstram como a burguesia brasileira sustentava-se na dominação de pessoas para suas ínfimas necessidades. Com a abolição, Nascimento (2016) descreve um cenário pouco abrasivo para pessoas racializadas no país, os afro-brasileiros libertos passaram a ser enxergados pela burguesia como inimigos nacionais, excluídos de qualquer participação na sociedade e:

Sob o influxo desta política antinacional cultivaram-se com métodos vampírescos de destruição dos solos os produtos de exportação, monopolizados por meia dúzia de açambarcadores da riqueza do país, construíram-se estradas de ferro exclusivamente para ligar os centros de produção com os portos de embarque destes produtos e instituiu-se uma política cambial a

² Um importante documento que relata a relação de dependência da elite burguesa de pessoas escravizadas pode ser verificado no quinto episódio do podcast Projeto Querino, intitulado: Os piores patrões, de 2022, narrado por Tiago Rogero. Disponível em:
<https://open.spotify.com/episode/7AEaa78MtQBJc0ZkFdM9u?si=e9aa0add0d274f53>

serviço destas manipulações econômicas. Por trás desta estrutura com aparência de progresso — progresso de fachada — permaneceram o latifúndio improdutivo, o sistema da grande plantação escravocrata, o atraso, a ignorância, o pauperismo, a fome. (CASTRO, Josué, 1980, p. 284)

Castro (1980) faz uma pesquisa minuciosa das relações de cada região do país com suas comidas nativas, a relação cultural com as comidas típicas e o tipo de produção desses alimentos. Seu estudo, fez um retrato cuidadoso sobre a produção de comida e a fome no país. Ele tenta compreender como naquela década, final dos anos 1940, o país tinha tantas pessoas com problemas de inanição e insegurança alimentar. Uma das perguntas que circunda o trabalho de Josué de Castro é: como um país com uma variedade tão grande, não apenas de “comidas naturais”, como denomina o autor, mas de formas de plantio e de relações com esses alimentos, enfrentava um problema tão sério como a fome? A conclusão para Castro é que a fome é um projeto de poder advindo da relação que a elite burguesa impõe para fazer manutenção de seu poder político. Outras causas podem ter relação

Para Bauman (2005) a identidade nacional está diretamente relacionada ao território, a concepção da mesma se relaciona com as manifestações culturais comunitárias do povo que nele habita e se sentem pertencentes as práticas culturais oriundas dessa localidade. Entretanto, a construção dessa identidade vale-se do entendimento de aspectos identitários antagônicos, o que Bauman denomina de contra-identidades. Logo, o entendimento de uma identidade, que podemos caracterizar através do questionamento ‘quem somos’ é muitas vezes construída a partir de ‘quem não somos’. Vários símbolos são utilizados para representar a totalidade ‘o que somos’, funcionando como pontes de ligação direta entre os aspectos identitários e os territórios nacionais.

Dessa forma, a partir da nacionalidade, podemos definir a totalidade identitária de povos pertencentes a um território. Ainda que seja uma totalidade-social que uniformiza as manifestações de identidades ignorando suas variabilidades, dentro das políticas de concepções de ‘povos’, o *status* de uma identidade nacional faz-se importante não apenas como um projeto de pertencimento e identificação, como também de compreensão da extensão da influência do estado e no estado. A bandeira é o símbolo nacional mais utilizado para demarcar ‘extensões identitárias’, portanto, é o tipo mais comum de representação da identidade nacional na história. Santaella (2005) explica as divisões dos signos a partir dos conceitos de Peirce, assim, dentro dessa ideia a bandeira pode ser definida como um símbolo, no sentido semiótico e para além dele. Sua concepção cognitiva e compreensão ocorre através de leis, ou seja, de convenções.

Durante a história do Brasil, algumas bandeiras foram elevadas como símbolo nacional, uma das mais importantes e que, volta e meia ganha alguma destaque, é a bandeira imperial, a última utilizada antes do Brasil se tornar uma república. É, portanto, curioso o fato de que simbolicamente os povos tradicionais que aqui viveram em condições de escravidão tenham sido inseridos, de forma excludente e reducionista, na bandeira ao longo da história. Como é o caso da bandeira imperial, que hoje ostentada por grupos pró -império, carrega signos que remetem a essa exploração através do ramo de café e de tabaco, considerados os bens mais importantes economicamente para o país. Produtos cultivados por mãos africanizadas e indígenas, mas como ferramentas de exploração e de geração de riqueza.

A bandeira brasileira carrega em sua história signos que traduzem o contexto histórico-social que corresponde à temporalidade de sua concepção. Não apenas a bandeira contemporânea que conhecemos hoje, composta por um retângulo verde, com um losango amarelo e um círculo azul estrelado no centro, grafado com dizeres de ‘ordem e progresso’, é uma tentativa de fazer uma leitura do contexto sócio-histórico, reunindo os elementos que representam os pilares dessa concepção identitária. Assim como foi a bandeira anterior, que para além de um estandarte da família real, ou uma colônia portuguesa, objetivou estabelecer uma identidade própria. Ambas, são frutos simbólicos da elite hegemônica dominante.

3 Outras cartografias e a fome no Brasil

No final do século XX, prosperaram em torno da ideia de cartografia novos meios de produção de conhecimento, como apontam Sandroni e Tarin (2014). Desde então, vem sendo desenvolvido e

discutido uma proposta a ser intitulada como “uma nova cartografia” na qual se busca traduzir novas experimentações metodológicas nos processos para a pesquisa em humanidades. Buscando assim compreender a cartografia não mais apenas enquanto uma ideia de traçados e mapas, mas como um método de pesquisa que se utiliza da representação, registro e narratividade. É o que propõe, por exemplo, o projeto Cartografias Têxteis, iniciado em 2021 pelo Grupo de Investigação da Associação de Professores de Expressão e Comunicação Visual de Portugal - APECV³ que integra coordenadores artistas e educadores artísticos de Portugal, do Brasil; México; Austrália; África do Sul; Estados Unidos; Egito; Alemanha; Namíbia, Espanha em ações participativas a partir de histórias contadas através da arte e do design.

A participação e contribuição ao projeto foi oferecida à comunidade através da disciplina acadêmica Tópicos Avançados em Design, no Programa de Pós-graduação em Design da Universidade de Brasília (UnB), pelas professoras Célia Matsunaga, Marisa Maass e Ângela Saldanha. A disciplina – aberta a comunidade – objetivou, através do método cartográfico, levantar dados eminentes no debate público e que pudessem ser traduzidos através da produção de peças artísticas e de design, utilizando principalmente do trabalho manual para gerar material palpável e construído artesanalmente. Diferente dos mapas tradicionais, a cartografia têxtil permite expressar temas emocionais, histórias pessoais e questões sociais que trazem novas perspectivas acerca dos efeitos da problemática dentro de um desenho mais amplo da situação, indo além das informações geográficas.

As reuniões em grupos serviram para discutir os temas, as abordagens metodológicas mais adequadas na aproximação da problemática proposta e também para o desenvolvimento da sensibilidade requirida para interpretar dados mais abstratos. Os debates levantados ao longo dos encontros permitiram aproximar sentimentos acerca de conceitos complexos, como o pertencimento, discutido também através de Bauman (2005) e entorno das potencialidades simbólicas de caráter semióticos, presente em Santaella (2005), de signos, e sobretudo, da potencialidade da metodologia cartográfica em pesquisas qualitativas mais aprofundadas.

Assim, a cartografia nos serve também como um modo de captar percepções de manifestações simbólicas, levando em consideração todo seu aparato representativo e os impactos desses signos no desenho da história. Também considerar a cartografia como uma maneira de perceber as significações que impactam positivamente as produções artísticas de grupos identitários - esses dentro do escopo dos grupos impactados pela fome – e de indivíduos distantes da discussão que podem começar a encarar-la de maneira mais estruturada, através da tradução de esferas simbólicas capazes de transmitir ideias subjetivas e conceitos abstratos por meio de símbolos e cores, criando peças artísticas com grau poético e carregadas de significado.

Compreendendo o valor da estratégia dos projetos inovadores para a condução metodológica do processo de criação, a partir da discussão proposta por Catherine Flood (2019):

As questões relacionadas a como comemos estão ligadas a alguns dos maiores desafios que enfrentamos globalmente, desde a mudança climática e os danos ecológicos até a violação da soberania cultural e dos direitos dos trabalhadores à saúde pública e as grandes desigualdades da distribuição global.

A temática proposta, referente à comida, então se desdobra nos mais diversos aspectos que se relacionam com a forma com a qual lidamos e enxergamos, sendo a questão política como uma das repercussões de grande importância para o tema. O levantamento inicial de tópicos, matérias e conteúdos relevantes sobre o tema acabou por gerar diversas discussões e questionamentos sobre as nossas práticas enquanto atores políticos e pesquisadores sociais, ratificando principalmente após os dados recentes de uma população profundamente abalada por uma situação pandêmica onde ainda é preciso falar sobre a fome.

O termo ‘fome’ não contempla a dimensão problemática na questão que passa pelo Brasil, como já foi discutido anteriormente nesse mesmo estudo. Quando usamos essa palavra o primeiro pensamento geralmente suscitado é o da sensação/desejo de comer, quando na verdade nos referimos no presente

³ APECV Grupo de Investigação da Associação de Professores de Expressão e Comunicação Visual, Portugal - <https://www.apecv.pt/projeto-cartografia-textil>

trabalho a uma sensação de quase morte. Encaminhamos nossa pesquisa na direção de dois grandes eixos paralelos, de um lado o país que exporta o que falta no prato do brasileiro e do outro os inimigos declarados, os escravizados que tiveram suas heranças alimentares arrancadas. Para ser possível relacionar essas duas pautas, foi utilizado por meio de processo colaborativo, uma concepção ativista, ou até mesmo ativista⁴, como meio que fomenta a discussão sobre o tema e as ações em artes e design como forma de protesto.

As relações de repulsa do estado brasileiro para com seu povo, inerentes ao processo de construção hegemônica de identidades nacionais e contra-identidades, podem ser observadas durante o percurso da história, mas são também um problema presente na contemporaneidade. O processo então busca compreender de que maneira, na atualidade, alguns grupos sociais voltados ao combate à fome e a distribuição latifundiária violenta, a exemplo do MST, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terras, ganharam destaque sendo alvos declarados no campo político do governo de extrema direita, principalmente durante a campanha presidencial de 2018, de Jair Messias Bolsonaro. O chefe do executivo utilizou o discurso como base para o desenvolvimento de políticas de combate e criminalização de movimentos dos trabalhistas e de cunho social.

Assim, a cartografia construída a partir dos registros da experiência perceptiva do território e da identidade, busca ampliar os agenciamentos existentes. Utilizando-a para mapear e catalogar, como forma de protesto, uma dor que faz parte da vida de grupos marginalizados essenciais para o estabelecimento da identidade brasileira. O método cartográfico pretende tornar visível questões de experiências individuais que se tornam desse modo coletivas, passando a compartilhar e fazer parte do registro do espaço, permitindo uma complexidade interativa maior entre as entidades que compõem o todo. Procuramos então elucidar os principais elementos de diversas regiões do país, que fazem parte da nossa cultura, mas que estão em falta para quem mais precisa. Existindo em abundância para os que podem pagar mais por eles. Assim, ao mesmo tempo que apontamos, reivindicamos os nossos direitos para termos um país que seja realmente de todos.

Objetivamos, por meio do design, e a utilização do método cartográfico, produzir soluções com potencialidades capazes de suscitar a discussão como um contraponto ao que é destinado à política contemporânea de exportação de alimentos vigentes no Brasil. Essa política em outros momentos históricos fora vista como uma prática colonizadora, pois visa, sobretudo, o bem-estar de grupos advindos de países denominados do *primeiro mundo*, deixando o que 'sobra' para os brasileiros. Pretendemos remoldar de forma visual o que pode ser considerado um dos maiores símbolos da identidade nacional e que teve impactos sentimentais diversos na população nos últimos anos. Subvertendo seus valores iconográficos, partindo da inflexibilidade simbólica de legisignos em sua terceridade, descrita por Santaella (2005) como a extensão semiótica que está ligada as leis e por tanto tem mais resistência a mudanças. Partimos de signos que remetem aos acontecimentos mais recentes referentes a situação da fome no país e que constituem uma identidade nacional que antagoniza as minorias sociais racializadas e movimentos sociais que estão ligados ao combate à fome e a subversão dessa necropolítica.

⁴ O ativismo é uma nova linguagem que surge através da criação artística acadêmica e museológica, em direção aos espaços e lugares sociais.

4 Estratégias metodológicas: Definição do projeto

O desenvolvimento deste trabalho passou por um processo metodológico estruturado inicialmente na revisão bibliográfica, apresentada anteriormente, em discussões coletivas e registro de processo de pesquisa na disciplina através da plataforma Miro, sugerida pelos docentes, para que todas as equipes pudessem acompanhar todos os trabalhos. Assim, para o projeto em questão, levou-se em consideração uma construção sequencial de passos processuais, iniciando pela definição de tópicos norteadores a serem seguidos enquanto estrutura projetual a ser aplicada, para em seguida esquematizar a partir da definição de abordagens teóricas, objetivo, técnica e método para o desenvolvimento da proposta de design. As escolhas definidas podem ser observadas na Figura 2 abaixo.



Figura 2: Tópicos norteadores do projeto

Fonte: Autoral (2022)

Partindo dessa inflexibilidade semiológica, aferida em nossa pesquisa teórica sobre o tema, optou-se pelo uso da bandeira como ponto principal para a conceituação desejada para o trabalho, nos aproveitando dos signos mais convencionais de sua composição para estruturar os pilares centrais do projeto. Paralelamente, considerando também que na contemporaneidade, faz-se tão importante e é comum vermos movimentos sociais cada vez mais empenhados em reapropriar e ressignificar os sentidos da bandeira nacional, como forma de representar suas identidades ou até mesmo reivindicar direitos. Essa ideia se faz tão importante, principalmente no contexto político, que presenciamos várias democracias ao redor do mundo onde uma parte de radicais da extrema-direita têm se apropriado das bandeiras nacionais para poder antagonizar as vozes discordantes e encaixá-las, mais uma vez na história, como inimigos da pátria

Desse modo, para dar continuidade ao processo de design, para auxiliar na elaboração do produto final, em seguida foram reunidas imagens com o objetivo de gerar alguns painéis semânticos, ferramentas comuns para os profissionais da área, organizando visualmente algumas ideias que seriam de grande importância para a compreensão do estado da arte sobre o tema. Assim, foram definidos dois painéis imagéticos: o primeiro (Figura 3) como uma forma de coletar/ visualizar como as pessoas estavam se expressando com a volta do país ao mapa da fome; o segundo (Figura 4) sobre a reapropriação da bandeira do Brasil enquanto forma de protesto;



Figura 4: Reapropriação da bandeira como protesto

Fonte: Autoral (2022)

Ainda na plataforma Miro outras decisões de projeto foram tomadas, como a reunião de referências visuais de produções que utilizaram técnicas semelhantes às que propomos para o trabalho, nuvem de palavras, definição de paleta de cores e materiais, assim como os primeiros esboços digitais, que guiaram a produção da alternativa final (Figura 5). A partir dessas diretrizes é possível com que se adote um padrão estético fazendo com que as bandeiras elaboradas dialoguem entre si, tornando-as de fácil identificação e ainda sim conseguirem se diferenciar umas das outras de acordo com o inventário temático a ser cartografado.

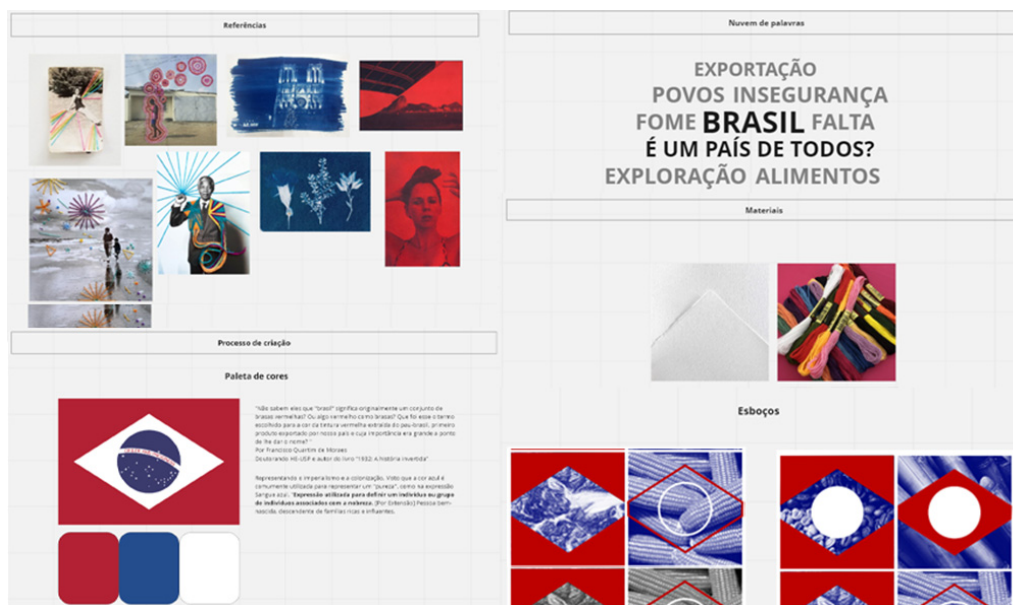


Figura 5: Desenvolvimento de projeto na plataforma Miro

Fonte: Autoral (2023)

Após o desenvolvimento do projeto gráfico dando a base do estilo visual a ser seguido e com os métodos definidos, deu-se início à criação. A partir disso, foram produzidas 10 bandeiras em formatos 10x10, que possuem a mesma base, que consiste em um fundo elaborado a partir de fotografias impressas, inspiradas na técnica de impressão cianotípia, portanto com a cor azul em destaque, seguida de bordados em vermelho, branco e amarelo, para compor os elementos a fim de reforçar a visualidade da bandeira original. Por fim, reunindo todas as peças feitas para figurarem na exposição de Cartografias Têxteis idealizada pelas professoras citadas anteriormente e montada pelos alunos da disciplina de Cartografias Têxteis na UnB.

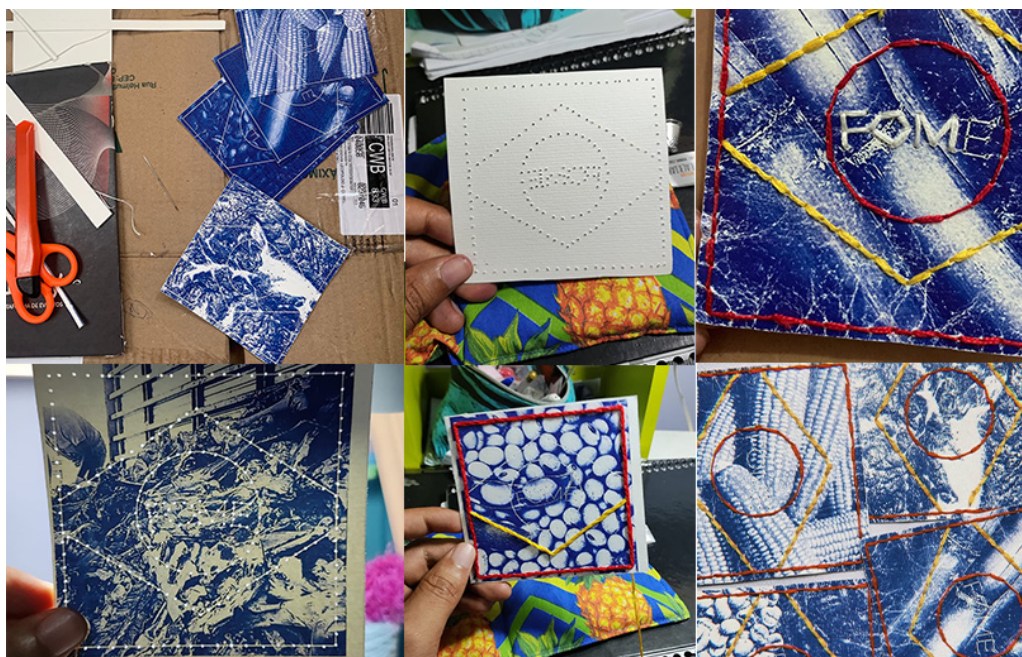


Figura 6: Processo de produção das bandeiras

Fonte: Autoral (2023)

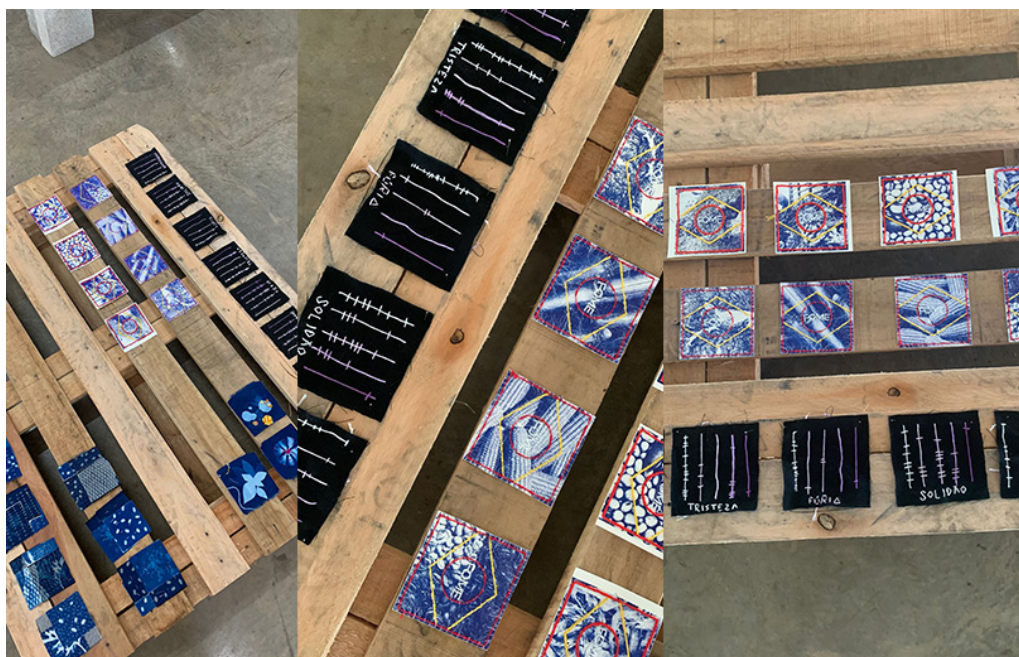


Figura 7: Exposição Cartografias Têxteis

Fonte: Autoral (2023)

O trabalho foi exposto na galeria da Associação dos Docentes da UnB (ADUnB), junto a outros trabalhos desenvolvidos na mesma disciplina que ainda que partissem da mesma temática, comida, exploraram aspectos distintos para tratar do assunto, tanto no que se refere a abordagem teórica e metodológica, quanto a escolha de materiais e apresentação de seus olhares diante a proposta da disciplina. O que reforça ainda a questão de como a comida, ou a falta dela, afeta diretamente nas visões de mundo, consequentemente, da identidade de cada um.

5 Considerações Finais

Compreender as relações iconográficas e a conjuntura política que perpassam a fome no Brasil fez-se importante não apenas para concebermos essa cartografia, mas para definir pilares essenciais de modos de estruturar pensamentos críticos e analíticos através do design. Assim, através da cartografia estabelecemos a percepção da importância do evidenciando dos problemas e seus históricos a partir de representações recorrentes e já estabelecidas. A partir dos dados levantados no decorrer da pesquisa podemos considerar também a extensão mais pessoal da experiência dessas desigualdades, considerando como possibilidade suscitar o debate sobre discursos que visam a atribuição de culpa dos problemas relacionadas a desigualdade nas principais classes afetadas.

Repensar, reproduzir e ressignificar o arcabouço visual e imagético que correlacionam pessoas, territórios e identidades, dentro de suas inflexibilidades semióticas, é um processo delicado de reconstrução e decolonização. Ao longo do desenvolvimento desse trabalho percebemos que, ainda que a construção simbólica da nacionalidade seja baseada historicamente na exploração de populações fragilizadas, os frutos representativos dessa criação de totalidade são muito bem difundidos culturalmente, e podem ser também artifícios de unificação de massas, tendo efeitos positivos em sua extensão mais sentimental. Portanto, pretendemos também não causar sensações ruins com as reconstruções dessas representações. Como designers, pesquisadores e pensadores, nos cabe compreender a delicadeza dos processos de significação e de suas consequências para os grupos antagonizados. Angariar ferramentas, ou métodos, para conceber os meios mais adequados, que possam subverter a essência simbólica da identidade nacional, uma vez que os inferiorizados estão cada vez mais distantes dos espaços de debate.

Evidenciar os principais elementos, ou parte desses, que fazem a fome, um problema tão grave e urgente, ser relativizado nos principais espaços de discussão é um desafio complexo. A metodologia,

assim como os resultados levantados a partir dela, podem não ser uma solução pontual como o problema necessita, mas é um passo que, através de ferramentas de design, podemos delinear e propor um dimensionamento para, ao despertar a consciência, ser uma fagulha inicial em discussões importantes no âmbito político. Afinal, o design pode atuar ainda como mediador na construção subjetiva do coletivo, é importante ter consciência desse impacto e desenhar projetos que possam desencadear reflexões e olhares voltados à problemas presentes em nossa teia social.

Referências

- ANTUNES, Maria. O desmonte da Conab e a política agrícola suicida do Governo Bolsonaro. In: **CONDSEF. Confederação dos Trabalhadores no Serviço Público Federal**. [S. l.], 15 set. 2020. Disponível em: <https://www.condsef.org.br/artigos/o-desmonte-conab-politica-agricola-suicida-governo-bolsonaro>. Acesso em: 19 abr. 2023.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005
- BELASCO, Warren. **O que iremos comer amanhã?** Uma história do futuro da alimentação. São Paulo: Editora Senac, 2009.
- CASTRO, Josué de. **Geografia da fome (o dilema brasileiro: pão ou aço)**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Antares Achiamé, 1980.
- FLOOD, Catherine; **SLOAN, May R. Food**: Bigger than the plate. London: V&A Publishing, 2019.
- NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. São Paulo : Perspectivas, 2016.
- O DIA. **No Mapa da Fome, Brasil coloca soro de leite e sobras de carne na mesa da população**. [S. l.], 8 ago. 2022. Disponível em: <https://economia.ig.com.br/2022-08-08/brasil-alimentos-mapa-da-fome-subprodutos.html>. Acesso em: 19 abr. 2023.
- SANTAELLA, Lucia. **Semiótica Aplicada**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.
- SANDRONI, Laila; TARIN, Bruno. **Limites e possibilidades da cartografia afetiva enquanto método de pesquisa nas ciências sociais**. 29ª Reunião Brasileira de Antropologia. Natal, 2014. Disponível em: http://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1402014806_ARQUIVO_Limites_e_posibilidades_da_cartografia.pdf. Acesso em: 19 abr. 2023.
- ROGERO, Thiago. **Projeto Querino**. Rádio Novelo. Podcast. Spotify, 2022. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/4ihscGfv0vmjBrK6dHA9Xo?si=6881b8628fa94b43>. Acesso em: 19 abr. 2023.